

A arte da pontuação: um livro sobre escolhas criativas na escrita

RESUMO

Este texto apresenta uma resenha do livro *A arte da pontuação*, de Noah Lukeman, traduzido do inglês por Marcelo Dias Almada e publicado em português pela Editora Martins Fontes. Inicialmente são apresentadas informações gerais de apresentação da obra e do autor. Em seguida, são elencados os objetivos do livro, considerando seu público-alvo. Na sequência, é apresentada uma descrição estrutural da obra, sua organização e conteúdo breve de seus capítulos. Por fim, apresenta-se uma apreciação da obra a partir de alguns pontos que se tornaram relevantes ao longo da sua leitura. A resenha apresenta argumento final de que o livro de Lukeman constitui um interessante e acessível guia prático sobre a arte da pontuação para escritores criativos.

PALAVRAS-CHAVE: Pontuação. Escrita criativa. Língua escrita. Estilo.

A obra *A arte da pontuação*, de autoria do escritor americano Noah Lukeman, foi publicada originalmente em inglês sob o título *A dash of style – The art and mastery of punctuation*. Embora sua tradução para o português já não seja mais tão recente, no circuito brasileiro, a obra permanece ainda pouco conhecida e explorada. Prova disso é o fato de que não há, até o momento, nenhuma resenha acadêmica do livro publicada em periódico científico. Não há nem mesmo resenhas publicadas em português em plataformas digitais que reúnem leitores e recomendações de livros. A despeito desse contexto, esse livro constitui, sem dúvidas, uma rica referência bibliográfica para aqueles que se interessam por escrita criativa e compreendem que o emprego da pontuação extrapola a simples marcação, produzindo uma simbiose com a narração, com o estilo, com a perspectiva e até mesmo com o próprio enredo, transformando a sonoridade do texto. O livro oferece ao seu leitor uma maneira de ver a pontuação como uma forma de arte, como um meio de expressão artística.

Noah Lukeman obteve com louvor o bacharelado em inglês e redação criativa na Universidade Brandeis. É também autor do *best-seller* *The First Five Pages: A Writer's Guide of Staying Out of the Rejection Pile*, que já faz parte do currículo de muitas universidades americanas. Em virtude da importância de suas produções, foi incluído na ontologia *The Practical Writer* (EIBEN; GANNON, 2004). Alguns de seus livros foram publicados no Reino Unido e traduzidos para vários idiomas, entre os quais o português, o japonês, o coreano, o chinês e o indonésio. A publicação de *A arte da pontuação* em língua portuguesa constitui, sem dúvida, um privilégio e uma oportunidade para leitores interessados por escrita,

Andréia Kanitz
andrea.kanitz@bento.ifrs.edu.br
Instituto Federal do Rio Grande do Sul,
Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul,
Brasil.

especialmente escritores criativos, que não têm a possibilidade de acessar a obra em língua inglesa.

Além de autor, Lukeman é um experiente agente literário. Trabalhou para várias editoras, incluindo as renomadas William Morrow e a Farrar. Atualmente é o presidente da Lukeman Literary Management Ltda., agência literária com sede em Nova York, fundada por ele em 1996. A agência tem como clientes vencedores do Prêmio Pulitzer, do American Book Award e do O. Henry Award, vários autores incluídos na lista dos mais vendidos do *New York Times*. Sua ampla e consolidada experiência profissional é indicativo da sua *expertise* no ramo literário e em escrita criativa.

A tradução publicada pela Editora Martins Fontes é assinada por Marcelo Dias Almada. Experiente tradutor, Almada demonstrou conhecimento e habilidade técnica ao oferecer ao leitor, ao longo do livro, notas muito pertinentes, relativas às diferenças entre o inglês e o português em sua modalidade escrita. Além disso, o texto a que o leitor tem acesso em português evidencia um rigor na tradução de exemplos em prosa e verso de mestres da literatura mobilizados por Lukeman em sua obra para ilustrar e sustentar seu argumento de emprego da pontuação enquanto escolha criativa. Trata-se, portanto, de uma qualificada tradução merecedora do *Selo Martins*, que confere excelência e qualidade literária às obras publicadas pela editora.

Conforme se pode ler em sua introdução, a obra não se destina a gramáticos ou a historiadores. Conforme argumenta Lukeman, esses profissionais já dispõem de dezenas de outros excelentes livros sobre pontuação escritos para seus estudos. O livro *A arte da pontuação* destina-se, nos termos do autor, ao público que mais precisa dele e para o qual ainda não havia sido escrita uma obra sobre pontuação: os escritores. O autor salienta: “Entenda-se aqui os escritos de ficção, não ficção, biografias, poesias, roteiros e qualquer pessoa que deseja escrever bem, seja no trabalho, na escola ou em qualquer outra atividade” (LUKEMAN, 2011, p. 11). Enfim, o livro destina-se a todos aqueles que se dedicam a fazer uso criativo da escrita e querem apenas melhorar sua redação, usando a pontuação como recurso de estilo.

O objetivo geral de Lukeman por meio de seu livro é tornar o leitor sensível ao mundo sutil da pontuação, partindo do pressuposto de que quanto mais sensível o escritor for, maior a probabilidade de produzir uma obra mais refinada, sob todos os aspectos. Nesse sentido, ao final dos capítulos que constituem o livro, o autor propõe um conjunto de exercícios que, além de promover uma revisão dos principais aspectos destacados pelo autor, têm o potencial de inspirar novas ideias para os textos que os leitores, por ventura, estejam escrevendo ou venham a escrever. Usando as palavras de próprio autor, por fim, o leitor “perceberá que este livro não foi escrito para melhorar sua gramática, mas para melhorar sua redação” (LUKEMAN, 2011, p. 12-13).

Em *A arte da pontuação*, Lukeman não enumera exaustivamente os sinais de pontuação, nem examina todos os usos de cada um. Seu foco está nos usos essenciais dos sinais mais importantes, aqueles que tem o poder de exercer sobre o texto um efeito criativo: “Não me interessa aqui em que lugar é colocado o apóstrofo nem se o dois-pontos antecede uma lista; antes, interessa-me saber se o acréscimo ou a retirada de um travessão pode modificar a intenção de uma cena” (LUKEMAN, 2011, p. 13). Para o autor, o efeito produzido sobre o conteúdo é o santo graal da pontuação, muitas vezes, “soterrado por longas discussões sobre gramática e história” (LUKEMAN, 2011, p. 13).

Para dar conta de seu propósito com o livro, o autor organiza sua obra em três partes, cada qual abordando um conjunto de sinais de pontuação que compartilham características comuns em termos de efeitos na composição do texto escrito. Na parte I – O Triunvirato, constituída por três capítulos (capítulos 1, 2 e 3), Lukeman (2011) aborda os três sinais que, segundo ele, tem importância fundamental – o ponto final, a vírgula e o ponto e vírgula –, os principais responsáveis pela construção da frase. Na parte II – Sob os refletores, constituída por quatro capítulos (capítulos 4, 5, 6 e 7), o autor trata dos sinais de pontuação que adicionam ornamentos ao texto, tendo como característica mais evidente a capacidade de realçar as palavras. São eles o dois-pontos, o travessão, os parênteses, as aspas, o parágrafo e as quebras de seções. Por fim, na Parte III – Tome cuidado, bastante breve e constituída por um único capítulo (capítulo 8), Lukeman (2011) se dedica ao uso de alguns sinais de pontuação que, segundo ele, devem ser usados com moderação, ou simplesmente não devem ser usados em textos criativos: o ponto de interrogação e de exclamação, o itálico, as reticências, o hífen, os colchetes, o sublinhado e o negrito. Além dessas três partes que constituem o cerne da obra, o livro é iniciado por uma breve introdução e encerrado por um epílogo sobre em que a interdependência entre os sinais de pontuação é abordada.

Todos os capítulos que compõem as Partes I e II do livro estão estruturados do mesmo modo. Cada capítulo inicia com uma breve apresentação do sinal de pontuação que será abordado, apresentando suas principais características na composição de textos escritos. Em seguida, Lukeman passa a indicar os modos de como empregá-lo, sempre com exemplos retirados de textos literários de renomados escritores que ilustram os usos recomendados. Na sequência, o autor aborda os perigos do uso excessivo e do uso insuficiente do sinal de pontuação, também trazendo exemplos ilustrativos. Depois disso, apresenta considerações sobre como o sinal de pontuação funciona no contexto da escrita em relação a outros sinais com os quais se relaciona. Por fim, há considerações sobre o que o uso do sinal de pontuação abordado no capítulo revela sobre o escritor. Para encerrar cada capítulo, são propostos exercícios para que o leitor possa refletir sobre a sua escrita criativa. Também ao longo de todos os capítulos, Lukeman vai apresentando citações de importantes pensadores que teceram considerações sobre a nuances que envolvem a arte de pontuar. Além de proporcionar um bom andamento à leitura, essa organização consistente dos capítulos possibilita que o leitor possa se situar a todo tempo na progressão do capítulo.

O capítulo 1 do livro, como não poderia deixar de ser, trata do ponto final: o sinal dos sinais, a espinha dorsal da pontuação. Nos termos de Lukeman, todos os demais sinais de pontuação existem apenas para modificar o que se encontra entre dois pontos finais. Neste capítulo, ele enfatiza, sobretudo, a diferença entre fazer uso frequente do ponto final para efeito estilístico e o seu uso excessivo irrefletido, que resulta em um texto fraco. A elaboração adequada de frases curtas, pelo uso frequente do ponto final, costuma privilegiar a ação, estabelecendo um ritmo acelerado ao texto. Autores que deliberadamente optam por construir frases mais longas costumam ser escritores maduros, empenhados em criar uma prosa rica. No entanto, empregando muito ou pouco o ponto final, os autores correm riscos, quando o fazem de modo irrefletido: por um lado, ao produzirem frases curtas podem revelar certa ansiedade em prender o leitor, recorrendo a um estilo de andamento rápido; por outro lado, ao produzirem frases longas, podem sinalizar estarem demasiadamente preocupados com a carpintaria da palavra.

No capítulo 2, Lukeman trata do emprego da vírgula, sinal denominado por ele como “quebra-molas do mundo da pontuação” (LUKEMAN, 2011, p. 37). Nesse capítulo, o autor destaca o controle que a vírgula pode exercer sobre o ritmo e a velocidade de uma frase. Assim como pode ser empregada para dividir, a vírgula também pode servir para conectar. Nesse sentido, Lukeman destaca a vírgula como “um sujeito relacional, um intermediário” (LUKEMAN, 2011, p. 37). Depois de enumerar usos criativos que se pode fazer da vírgula, salienta que pode ser prejudicial ao texto não a empregar: “assim como o seu primo, o ponto final, a vírgula é um dos poucos sinais de pontuação que devem ser usados ao longo de todo o texto” (LUKEMAN, 2011, p. 41). No entanto, o autor destaca também o uso incorreto que se costuma fazer desse sinal de pontuação, dada necessidade do seu emprego (frequente), somado ainda agravante de suas regras serem bastante imprecisas. Depois de detalhar os riscos decorrentes tanto do uso excessivo quanto do uso insuficiente da vírgula, Lukeman encerra o capítulo sendo bastante enfático quanto ao emprego refletido dos sinais de pontuação:

Os sinais de pontuação – principalmente as vírgulas – são necessários para indicar o fluxo e refluxo, pausas e tons, divisão de orações e unidades de sentido. Os escritores que ignoram tais coisas escrevem para si mesmos, sem levar em conta o leitor. Não serão escritores comerciais ou voltados para o enredo, mas sim para o texto em si, para as nuances de estilo. Porém de modo equivocado (2011, p. 57).

O capítulo 3 da obra trata do emprego do ponto e vírgula, que, de acordo com o autor, encontra-se entre a vírgula e o ponto final, compondo, assim, o *triumvirato* da Parte I do livro. Conforme Lukeman, a função básica do ponto e vírgula é ligar duas frases completas (tematicamente semelhantes), transformando-a em uma só. O autor chama a atenção para o fato de que, gramaticalmente, o ponto e vírgula nunca é necessário; já do ponto de vista artístico, ele abre um mundo de possibilidades, sendo capaz de produzir grande impacto. De acordo com Lukeman, “as funções do ponto e vírgula são todas essencialmente criativas e dependem da sensibilidade do escritor” (LUKEMAN, 2011, p. 60). Assim, Lukeman destaca que um texto pode perfeitamente existir sem esse sinal de pontuação; entretanto, seu emprego pode agregar sofisticação à escrita, cooperando com a pontuação ao seu redor, uma vez que a sua própria existência se dá em função dos outros sinais de pontuação. Ao usar o ponto e vírgula, um escritor pode, por exemplo, veicular uma quantidade consideravelmente maior de informação dentro de um único período, sem a necessidade de emprego do ponto final.

No capítulo 4, Lukeman aborda o uso do dois-pontos, o mágico da pontuação: “cria suspense no público, espera o momento certo, e *voilà*: puxa a cortina para mostrar o resultado” (LUKEMAN, 2011, p. 77). Trata-se de um dos sinais de pontuação mais eficazes para realçar uma palavra ou frase. Além disso, conforme o autor bem salienta, é impossível não prestar atenção ao que surge depois do dois-pontos. A sua função básica é chamar atenção para algo importante: uma revelação, uma síntese, uma conclusão ou algum detalhe que precise ser realçado. Lukeman destaca a força dramática desse sinal e adverte os escritores inseguros que evitar empregá-lo não constitui uma boa decisão, pois trata-se, nos termos do autor, de uma das ferramentas mais poderosas do repertório do escritor. No entanto, esse sinal deve ser usado apenas se for, de fato, necessário. Ele deve ser uma exigência orgânica do texto. Por constituir uma

ferramenta dramática chamativa, o dois-pontos deve ser usado com discrição. Forçar o seu emprego em uma frase seria, de acordo com Lukeman, o mesmo que buzinar no sinal fechado – uma interessante metáfora.

O capítulo 5 do livro aborda o uso do travessão – o interventor – e dos parênteses (o conselheiro). De acordo com Lukeman, o travessão intervém na escrita de modo mais agressivo, enquanto que os parênteses intervêm de modo mais brando, como que fazendo um acréscimo sussurrado no ouvido do leitor. Os dois sinais costumam ser considerados simples recursos técnicos de escrita. Lukeman, no entanto, argumenta que ambos sinais podem constituir importante ferramenta criativa na escrita. Os dois sinais interrompem o texto, realçam os assuntos que introduzem, são usados em digressões, elucidações e explicações. O autor propõe-se a examiná-los comparando e contrastando suas sutis semelhanças e diferenças, porque considera que, além de exercerem funções sobrepostas, aprende-se mais sobre eles quando examinados lado a lado, o que, de fato, se mostra bastante produtivo no capítulo.

Na sequência, o capítulo 6 trata do uso das aspas, “as trombetas do mundo da pontuação” (LUKEMAN, 2011, p. 120). Na introdução deste capítulo, o tradutor insere uma nota importante, ressaltando que na língua inglesa escrita, as aspas são um meio por excelência para a indicação de diálogos em prosa, uso que é explorado ao longo do capítulo. No português, por outro lado, o tradutor destaca que o travessão é tão ou até mais usado do que as aspas para essa finalidade. Nesses termos, Marcelo Almada salienta que, na prática, os usos desses sinais de pontuação compartilham muitos aspectos em comum, de modo que as lições do capítulo 6 podem ser aplicadas ao uso do travessão para introduzir e demarcar a voz dos personagens na prosa. Essa nota é bastante oportuna e também necessária, já que destaca uma distinção bastante importante entre o que se pratica no inglês e no português escrito.

O capítulo 7 encerra a parte II do livro tratando do parágrafo e da mudança de seção. Nesse capítulo, Lukeman ousa ao argumentar que o parágrafo e a quebra de seção são também sinais de pontuação. Segundo o autor, o parágrafo é o irmão mais velho do ponto final. Enquanto o ponto final divide frases, o parágrafo divide grupos de frase, constituindo sempre uma oportunidade para prender os leitores com novos ganchos ao seu final. O parágrafo emoldura um conjunto de períodos, dá-lhes forma e sentido, delimita o assunto em questão e prepara o cenário para o parágrafo seguinte. Já a quebra de seção, que de acordo com o autor costuma ser negligenciada em manuais de escrita, representa uma transição importante dentro de um capítulo, em geral uma mudança de tempo, de lugar ou até mesmo de ponto de vista. Mais forte do que o parágrafo, porém mais fraca do que a mudança de capítulo, a quebra de seção é, de acordo com Lukeman, o ponto e vírgula das quebras de texto. As quebras de seção distinguem duas partes do texto que, embora separadas, devem situar-se no mesmo capítulo. De acordo com o autor, a habilidade de um escritor em delimitar parágrafos e quebras de seções diz muito sobre a sua clareza de pensamento: “mudanças confusas revelam um pensamento confuso. Mudanças claras, lúcidas, revelam um pensamento claro e lúcido” (LUKEMAN, 2011, p. 154). Nesses termos, o autor argumenta que “a pontuação pode ensinar o escritor a pensar e, conseqüentemente, a escrever” (LUKEMAN, 2011, p. 154).

No capítulo 8, último capítulo da obra e único capítulo que compõe a parte III, Lukeman dedica-se brevemente ao uso do ponto de interrogação, do ponto de exclamação, do itálico, das reticências e do hífen, sinais que, segundo ele, devem

ser usados moderadamente. Além disso, sinaliza de modo sucinto que outros sinais de pontuação como os colchetes, o sublinhado e o negrito não devem ser usados em se tratando de escrita criativa, já que, segundo ele, não tem lugar no mundo da redação criativa. Esse capítulo é motivado por cartas de leitores dirigidas ao autor comentando o seu primeiro livro – o *best-seller The First Five Pages* – nas quais solicitavam que ele desenvolvesse um pouco mais o que dissera sobre o ponto de interrogação, ao qual havia dedicado apenas três frases no total em todo seu primeiro livro. Lukeman desenvolve, então, em um pouco mais do que em três frases as suas ressalvas com relação ao ponto de interrogação, acrescentando outros sinais que devem ser usados cautelosamente ou mesmo não devem ser utilizados.

Ao final da obra, Noah Lukeman ainda oferece ao leitor um interessante epílogo *A sinfonia da pontuação*, em que destaca a interdependência dos sinais de pontuação e a importância de transgredir as regras, principalmente quando são tão nebulosas quanto no mundo da pontuação. Nesses termos, Lukeman encoraja seus leitores-escritores a transgredirem, a experimentarem e a inovarem no texto, no estilo, no ritmo. No entanto, faz uma ressalva: “Mas, ao final do dia, mantenha somente aquilo que funciona no texto, o que melhor refletir o conteúdo. No fundo, a transgressão só funciona quando o escritor tem grande respeito pelas regras que infringe” (LUKEMAN, 2011, p. 176). Nessa esteira, Lukeman recomenda que, em sua produção, o escritor criativo tenha em mente sempre dois princípios importantes:

O primeiro é que há grande mérito em pontuar pouco, apenas quando absolutamente necessário. Deve-se buscar a economia não só nas palavras, mas também na pontuação. **O segundo** é deixar a pontuação surgir organicamente, conforme a necessidade do texto. A pontuação nunca deve ser forçada, não deve ser introduzida na tentativa de consertar uma redação confusa; não é essa a sua finalidade, ela existe para complementar. (LUKEMAN, 2011, p. 176, *grifo meu*).

A obra *A arte da pontuação*, de Noah Lukeman, certamente surpreende, especialmente o leitor desavisado que adquire o livro julgando-o apenas pela capa. É um livro sobre pontuação, mas não sobre regras gramaticais. O leitor não vai encontrar um livro com normas rígidas de pontuação, mas, sim, um livro sobre escolhas criativas na escrita. E o autor conduz o leitor pela mão exemplificando ponto o ponto o que a pontuação pode acrescentar ao texto que a língua por si não consegue:

Por que Ernest Hemingway se valia tanto do ponto final? Por que William Faulkner fugia dele? Por que Edgar Allan Poe e Herman Melville recorriam tanto ao ponto e vírgula? Por que Ernest Hemingway e Raymond Carver usavam o ponto final? Por que Emily Dickinson adotava o travessão e Gertrude Stein evitava a vírgula? (LUKEMAN, 2011, p. 12)

Lukeman constrói, assim, sua obra examinando os modos como a pontuação pode diferir radicalmente entre grandes autores da Literatura e os efeitos criativos que tais escolhas produzem em seus textos. As amostras textuais de consagrados mestres da escrita criativa, rigorosamente traduzidos, especialmente no que diz respeito à pontuação em si, recheiam substancialmente

a obra, agregando importante materialidade ao guia de pontuação para escrita criativa que o autor se propõe a construir. A prosa narrativa é predominante na grande maioria dos exemplos mobilizados. No entanto, Lukeman ousa ao trazer também alguns exemplos em verso, os quais parecem não se adequar tão bem quanto os exemplos em prosa aos argumentos e à discussão sobre pontuação proposta.

Noah Lukeman também acerta ao trazer para a discussão sobre escrita criativa o interlocutor a que texto se destina e a intenção que o escritor tem com sua escrita, levando em consideração esse interlocutor projetado. De acordo com o autor, todo escritor deve ter clara a sua intenção, fazer uma escolha deliberada do emprego dos sinais de pontuação, fixar um estilo e ser consistente. Trata-se de se estabelecer uma coerência estilística que possibilite ao leitor um trânsito fluido pelo texto:

É sempre preferível apresentar ao leitor um trajeto sem tropeços, e isso significa não redigir frases repletas de vírgulas e outras sem vírgulas. Deve-se estabelecer um estilo e ater-se a ele o máximo possível. [...] Os leitores captam tudo. A colocação irregular das vírgulas será registrada e prejudicará o ritmo (LUKEMAN, 2011, p. 54-55).

Na introdução do livro, Noah Lukeman é bastante claro a respeito do público ao qual se destina sua obra: escritores. Embora Lukeman destaque que o livro pode ser útil para “qualquer pessoa que deseje escrever bem, seja no trabalho, na escola ou em qualquer outra atividade” (2011, p. 11), cabe salientar que a leitura da obra requer um bom conhecimento linguístico prévio e relativa sensibilidade do leitor. Apesar de não ser um compêndio gramatical, o livro exige do seu leitor fluência em análise linguística para acompanhar os argumentos apresentados pelo autor e coanalisar os exemplos por ele mobilizados. O livro destina-se, sem dúvida, a escritores criativos. E também a qualquer pessoa que deseje escrever bem, desde que possua certo domínio de princípios fundamentais de escrita.

Os exercícios propostos pelo Lukeman ao final de cada capítulo das partes I e II do livro também têm como público-alvo escritores, especialmente aqueles que já estejam produzindo algum material de escrita criativa. A grande maioria dos exercícios solicita que o leitor-escritor retome, identifique, analise e reconstrua trechos de textos de sua própria autoria. A obra tem toda uma proposta interativa que conduz o leitor a efetivamente explorar a pontuação e a pensar sobre a sua própria escrita criativa. Aquele leitor que não tiver nenhum material em elaboração no exato momento da leitura pouco poderá aproveitar os exercícios propostos pelo autor.

Ponto alto da obra são também as considerações que Lukeman faz sobre as características do escritor que a pontuação revela. O autor afirma categoricamente: “Quer o escritor goste, quer não, a pontuação o revela” (LUKEMAN, 2011, p. 33). Assim, ao final de cada capítulo das partes I e II do livro, tece considerações sobre o que o uso (excessivo ou insuficiente; refletido ou irrefletido) dos sinais de pontuação pode revelar sobre o escritor, seu estilo de escrita e sua maneira de escrever. Todas essas considerações constituem importantes dicas para escritores criativos em formação, cujo olhar analítico sobre a escrita ainda requer refinamento e direcionamento para pontos específicos da produção criativa pelo viés da pontuação. Como Lukeman afirma, “a pontuação

revela o escritor, e a revelação é o primeiro passo na direção da autoconsciência. Se estiver disposto a ouvir o que a página lhe diz sobre você mesmo, e tiver humildade suficiente para mudar, você se tornará um escritor melhor. A pontuação está aí para indicar o caminho” (2011, p. 177).

O livro *A arte da pontuação*, de Noah Lukeman, constitui, sem dúvida, um guia prático e acessível sobre a arte da pontuação para escritores criativos. Escritores e também editores de obras literárias poderão se beneficiar da leitura da obra, acessando um conjunto sistemático de dicas para um bom manejo dos sinais de pontuação. Depois do encontro com este livro, o olhar para a pontuação *na leitura* de qualquer texto nunca mais será o mesmo. E, certamente, a atenção para a pontuação *na escrita* de qualquer texto será um empenho pela vida toda.

REFERÊNCIAS

EIBEN, T.; GANNON, M. **The practical writer**: from inspiration to publication. New York: Penguin Books, 2004.

LUKEMAN, Noah. **A arte da pontuação**. Tradução de Marcelo Dias Almada. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Tradução de A dash of style – The art and mastery of punctuation.

LUKEMAN, Noah. **The first five pages: Writer's Guide to Staying Out of the Rejection Pile**. New York: Touchstone Books, 2000.

Recebido: 30 abr. 2016

Aprovado: 09 nov. 2017

DOI: 10.3895/rl.v24n44.14922

Como citar: KANITZ, Andréia. A arte da pontuação: um livro sobre escolhas criativas na escrita. *R. Letras*, Curitiba, v. 24, n. 44, p. 121-128, jan./jun. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

